Formação em psicanálise à brasileira: transmissão, disciplina e opressão

Psychoanalytic formation in the brazilian style: transmission, discipline and oppression

FAUZY ARAUJO

RESUMO:
Este trabalho tem como objetivo ensaiar alguns aspectos acerca da formação em psicanálise em um contexto brasileiro, considerando sua institucionalização, forma de ensino e problemas de ordem ideológica e metodológica na maneira em que se formam analistas em território brasileiro. Em um diálogo com Paulo Freire, Michel Foucault, Gayatri Spivak, bell hooks e outros, proponho uma leitura possível aos aspectos formativos, que desafiem o caráter opressivo e tenham a contextualização política e territorial como um norte, considerando o potencial do ensino de Lacan como forma de reivindicar uma psicanálise que rompa com suas tradições de dominação do saber-poder.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise – ensino – formação – transmissão – Lacan.

ABSTRACT:
This essay aims to examine certain aspects of psychoanalytic formation within a Brazilian context, taking into account its institutionalization, modes of teaching, and the ideological and methodological problems involved in the way analysts are formation in Brazil. In dialogue with Paulo Freire, Michel Foucault, Gayatri Spivak, bell hooks, and others, I propose a possible reading of formative processes that challenges their oppressive character and takes political and territorial contextualization as a guiding thread, while also considering the potential of Lacan's teaching as a way of reclaiming a psychoanalysis that breaks with its traditions of domination structured around knowledge-power.

KEYWORDS: psychoanalysis – teaching – formation – transmission – Lacan.

"A questão está em que pensar autenticamente é perigoso"
(Paulo Freire em "Pedagogia do oprimido").

"Vale lembrar que a teoria está sempre posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém"
(Grada Kilomba em "Memórias da plantação").

"A civilização europeia na certa esculhamba a inteireza de nosso caráter"
(Mário de Andrade em "Macunaíma").

Em "Crônica de uma morte anunciada",[1] Santiago Nasar sai de casa em direção à morte. Todos sabiam de seu trágico destino, menos o próprio. Quando tiveram o ímpeto de avisar, já era tarde. Então, antes que a psicanálise morra, vale o aviso.

[1] Márquez, G. G. (2023). *Crónica de una muerte anunciada*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Sudamericana.

Como "Macunaíma",[2] a psicanálise nasceu no Brasil com pretensões de ser uma heroína de nossa gente. Não digo que ela é sem nenhum caráter, como nosso personagem, mas já veio meio pronta e adentrou nossas terras com a esperança de ser antropofágica. A ideia era devorar o corpo do "velho mundo", deglutir com nossa malandragem e regurgitar nos repiques do pandeiro. Não foi bem assim e até hoje o psicanalista brasileiro pode correr o risco de se formar tal qual a cabeça de "Abaporu".

Formar-se psicanalista no Brasil sempre foi um desafio. Inicialmente, por dependência em relação ao discurso médico. Mas o que realmente marcou foi a falta de consentimento da IPA em autorizar a formação de analistas em solo brasileiro. O nosso processo formativo inicia-se com uma dependência epistêmica e o exercício de poder eurocentrado que a psicanálise, até os dias de hoje, insiste em flertar. Tivemos que fundar nossas paróquias quando foi o momento de autorização da "Santa Sé", daquele lugar que pensa que é dono, e eu pergunto: "quem te deu tanto axé?". Para tanto, é preciso tratar dos impasses acerca da formação em psicanálise no Brasil, a partir de um posicionamento crítico que destaque as diversas problemáticas que implicam esse ato.[3] Trata-se de colocar na berlinda a palmatória do campo psicanalítico, seus ritos iniciáticos da formação, sua mística, assim como os negacionismos e pós-verdades presentes e repetidos cotidianamente nas instituições psicanalíticas. É uma articulação constante entre a definição de como se forma um psicanalista e as formas de pensar o ensino e transmissão da psicanálise nos seus mais diversos âmbitos e modalidades.

Em seu momento, Lacan[4] propôs um modelo formativo que tentava responder aos ditames da Internacional de psicanálise, instituição que, conforme ele mesmo nomeia, lhe excomungou,[5] em um processo de formalizar uma estrutura de formação, retomando os fundamentos da disciplina.[6] A Escola[7] de Lacan tinha como objetivo transmitir o ensino da psicanálise e formar psicanalistas, com a finalidade de assegurar e garantir o reconhecimento de um psicanalista na comunidade.[8] Com sua ideia de ensino, propôs uma institucionalização em que a formação analítica se sustentaria a partir da transmissão de um saber.[9] Esse saber pode ser o saber formal acerca da verdade na ciência ou do saber inconsciente que implica o processo de submissão a uma análise pessoal como parte da formação analítica. O funcionamento escolar consistia em trabalhar os fundamentos da psicanálise, sua *doxa* e suas variações, acompanhar os casos daqueles que praticam a psicanálise através do

[2] Andrade, M. de. (2023). *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Global editora.
[3] Araujo, F. (2025). História da psicanálise no Brasil: da antropofagia à construção de psicanálises brasileiras. Em: *O inconsciente colonial da psicanálise*. Porto Alegre: Editora Discurso.
[4] Lacan, J. (1964a). Acto de fundación. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
Lacan, J. (1967a). Discurso en la Escuela Freudiana de París. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
[5] Lacan, J. (1964b). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
[6] Lacan é oficialmente expulso da IPA em 1964 e a partir de então, dedica seu trabalho a pensar nos fundamentos da psicanálise a partir de sua relação com o discurso científico, que envolve o ditado de seus seminários 11, 12 e 13, onde discorre sobre os fundamentos, os problemas cruciais e seu objeto. Temas essenciais do que constitui um modelo científico, que respalda a fundação de sua escola.
[7] Escola Freudiana de Paris, fundada em 1964.
[8] Lacan, J. (1967b). Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
Lacan, J. (1973). Nota Italiana. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
[9] Lacan, J. (1970). Alocución sobre la enseñanza. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

"controle",[10] recensear o campo com a leitura e comentário daquilo que se produz, articulando com as ciências afins e pensando na particularidade da ética da psicanálise.[11] A Escola também tinha a finalidade de publicar[12] trabalhos escritos, através de um método muito particular que é o do princípio do texto não assinado, ainda que não seja de todo anônimo.

De toda essa estrutura institucionalizada, o que se popularizou como maneira de pensar a formação psicanalítica lacaniana foi a ideia de autorização do analista. A proposta de "o analista não se autoriza senão de si mesmo" se transformou em jargão do *lacanês*, sem sequer considerar que a proposta é acompanhada de uma autorização entre pares, quer dizer, no grupo, e que "autorizar-se não é autorritualizar".[13] Essa noção disseminou que o analista se autoriza individualmente e, por consequência, é na própria análise, deixando de lado todo o aspecto formativo que envolve estudo, pesquisa, articulação coletiva, abertura para outros saberes, reconhecer as divergências da comunidade e transmitir o saber psicanalítico. Considerando a generalidade dessa ideia, abrem-se muitos atalhos para o charlatanismo fixar suas garras no meio analítico, baseado em tal discurso individualista que muito serve aos objetos de consumo da atualidade.

É conhecida a declaração acerca do fracasso e consequente dissolução[14] da Escola, por parte de Lacan. Entretanto, é importante resgatar e colocar em pauta a intenção do mesmo, quando declara que fracassou, mas que mantém o mesmo objetivo: restaurar o fio cortante da verdade, que pensemos a psicanálise como práxis original, em um processo de criticidade, que denuncia os desvios e concessões que impedem o progresso e degradam o emprego de uma prática psicanalítica.[15] Trata-se de pensar a formação como um processo de atividade, unindo a produção de saber a partir do real e o reconhecimento de um desejo de ser analista que mais se articula com o lugar de dejeto que de um produto a ser adquirido. Talvez não seja um modelo de formação a ser deixado de lado e tão precipitadamente desconsiderado por conta do fracasso da EFP. O fracasso de um projeto não precisa ser o fracasso das ideias, que podem sempre ser renovadas.

Lacan aponta que todo analista saiba um pouco de poesia e matemática.[16].' Também sugere que deve se apoiar em algumas disciplinas: linguística, lógica, topologia e antifilosofia.[17] Acompanhando a proposta de Lacan e de sua disseminação entre os analistas lacanianos, proponho que o psicanalista deve pensar o caráter de sua forma de ensinar, sua organização institucional enquanto crítica interna ao processo formativo, sua organização política e sustentar uma formação em psicanálise

[10] Tradução mais assertiva para o que chamamos de "supervisão".
[11] Lacan, J. (1964a). Op, cit.
[12] Lacan, J, (1968). Introducción de Scilicet como título de la resvista de la Escuela Freudiana de París. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
[13] Lacan, J. (1973). Op. cit. p. 328.
[14] Lacan, J. (1980). Carta de disolución. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
[15] Ibidem.
[16] Lacan, J. (1967c). *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
[17] Lacan, J. (1975). Quizás en Vincennes. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

contextualizada com o território, sua história e suas organizações culturais. Isso demanda uma ação que é, por sua vez, um trabalho de também localizar os efeitos coloniais da psicanálise na sua forma de ensinar, que consequentemente implica no que denominamos o exercício de um poder. Sugiro que a formação em psicanálise está intrinsecamente ligada à sua forma de ensinar e sofre influência de acordo com a política institucional em questão. Ressaltar esses pontos serve como uma maneira de localizar e superar os impasses que podem ocasionar a desastrosa morte da psicanálise.

Essas ideias não são alheias à nossa realidade e há muito têm sido disseminadas nos mais diversos círculos intelectuais, desde o século passado. Pensar o ensino como superação das disputas de poder e articular a realidade daqueles que estão em formação é base para as teses de Paulo Freire, que destaca, em uma coincidência terminológica com Lacan, a necessidade de uma práxis como busca de um processo formativo que seja forjado com aquele que se forma, não somente por aquele que transmite.[18]

Paulo Freire destaca que, no processo de ensino, há um sentido alienador que constitui uma consciência hospedeira: um sabe e transmite ao que não sabe, recusando o papel da subjetividade. Seu curso se dá de forma violenta, negando as possibilidades dialéticas da construção do saber, colocando o mestre em um lugar de legatário, como um latifundiário do saber. Esse ato se dá por meio da construção histórica e sociológica de um território, formando um traço de submissão e deixando como possibilidade a adesão e a servidão ao opressor.

Freire aponta que há um convencimento acerca da própria incapacidade intelectual, que culmina em "uma irresistível atração pelo opressor"[19] e que "na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo".[20] Internamente à psicanálise, isso é um costume observável. Primeiro, há uma neurose compartilhada dos psicanalistas acerca de sua incapacidade, que nunca está seguro de saber alguma coisa, e segundo, é uma prática em que constantemente seus praticantes se perguntam se realmente são psicanalistas. Isso denota que há quem sabe e quem não sabe, quem tem certeza de que é e os que não sabem se são. Além disso, podemos localizar uma estética que constitui uma identidade do analista, que imprime uma forma de portar-se, vestir-se e até de seus gostos pessoais; reproduzem ideias, falas prontas, gestos e tonalidade da voz, sem falar que as echarpes e ternos cinzas em climas tropicais são indispensáveis, ainda que explicitem uma certa inclinação ao ridículo. Tal processo pode ser lido, a partir do referencial freireano, como uma consequência dos processos de opressão institucionalizada, que forma um conjunto de ideais internos a uma disciplina e aqui, vemos perfeitamente como seus seguidores podem aderir com uma performance, ainda que muitas vezes não se identifiquem com certos maneirismos – no sentido mais forçado do termo.

[18] Freire, P. (2013). Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
[19] Ibidem. p. 52.
[20] Ibidem. p. 52

É problemático quando uma disciplina se transforma em um procedimento disciplinar e a psicanálise não está isenta disso. Foucault[21] entende o procedimento disciplinar como uma forma de controle dos corpos a partir da junção entre sua docilidade e sua utilidade, propagando políticas de coerção e de submissão que constroem fórmulas gerais de dominação. Para o filósofo, a docilidade dos corpos se institui em uma multiplicidade de processos, de distintas origens e localizações, criando autômatos, bonecos políticos e modelos reduzidos. Acontece que isso ocorre nas minúcias dos projetos de poder com fins de controle, mas também em relação ao saber. "A disciplina é uma anatomia política do detalhe".[22] O que Foucault entende como docilidade dos corpos, podemos estender e considerar uma docilidade discursiva que extrapola o corpo físico e passa a ocupar lugares simbolicamente constituídos, abordados através de atos enunciativos e perfeitamente automatizados.

Podemos considerar que a formação em psicanálise pode facilmente aderir aos projetos políticos de dominação do saber-poder, por mais bem-intencionadas que sejam e baseadas em um discurso de democratização ou de que há discordância com as hegemonias popularizadas. Por uma psicanálise dizer-se Outra, não se exime de tais tendências, pois não deixa de ser legatária de suas tradições.

A proposta pensada para subverter esse movimento é a do engajamento que destoa de uma concepção bancária do ensino. A forma bancária de pensar o ensino se constitui nos métodos unicamente dissertadores, com o aval do silêncio ou a concordância alienada do que é dito pelo mestre. A formação se dá em um ato de depositar, memorizar e repetir, ao invés de um processo dialógico. Vemos, por exemplo, como há uma forma passiva de formar-se psicanalista através do momento mercadológico atual que vende cursos e seminários como mero objeto de consumo, escutando exaustivamente a gravação ou a transcrição *ipsis litteris* da fala do dissertador. Trata-se de memorizar e repetir, não tem participação ativa, crítica, debate, divergência, o conflito necessário para uma dialética. É uma adesão escancarada do que Lacan[23] nomeou de saber pré-digerido.

Seguindo esse modelo de ensino, a formação ocorre mais em um marco ideológico do que em uma atividade dialógica. No nosso campo, temos um processo de construção de uma "ideologia lacaniana", que consiste no que Gabriel Tupinambá[24] descreve como um conjunto de problemas que envolve o pensamento lacaniano, que se instaura como um problema político, interno às instituições psicanalíticas, como também acerca do posicionamento da psicanálise no mundo que se insere, generalizando concepções que escapam ao seu domínio, mas também de como fundamentamos certas ações metodológicas.

Aqui nos deparamos com o risco do sectarismo lacaniano que muitas vezes está baseado nos personalismos, seja por um autor ou por uma instituição. Pode ser que, em um processo institucional,

[21] Foucault, M. (2014). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes.
[22] Ibidem. p. 137.
[23] Lacan, J. (1955). Variantes do tratamento-padrão. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
[24] Tupinambá, G. (2025). *El deseo del psicoanálisis*. Santiago de Chile: Alma Negra Editorial.

deixemos de lado isso que Lacan chamou de recensear o campo[25] e fiquemos incutidos naquilo que concordamos. Deixamos de ler outros autores, explorar a diversidade de posições, abertura para o diálogo não-psicanalítico e nos fechamos no empobrecimento intelectual de repetir como papagaio de pirata. Criamos nossos *slogans* e corremos o risco de não ver que não há roupa nova do rei. Pode-se perder o interesse no nível do *logos* e daí para frente é "fé cega, faca amolada".

Em contraponto, pensar em uma formação engajada exige o afastamento das alienações, das invasões culturais, das ideologias dominantes e passamos a pensar no contexto em que estamos inseridos. Para bell hooks,[26] esse processo exige uma transgressão necessária, introduzindo o pensamento crítico em detrimento do consumismo passivo que retira as possibilidades de refletir sobre o mundo e modificá-lo. O que ensina não deve ser um tirano e aqueles que aprendem não devem ser "meros buscadores de pedacinhos compartimentalizados de conhecimentos".[27] Há um ato de localizar o universo cultural, outros saberes adquiridos e a quebra de fronteiras entre quem sabe e quem não sabe.

Se o universo cultural tem um valor formativo, podemos, de fato, ser um pouco mais antropofágicos e contextualizar nossa práxis. Pensamos com Policarpo Quaresma que "esses nossos literatos eram tão tolos e viviam tão absorvidos em coisas francesas".[28] Estamos até a tampa de *lalangue*, *jouissance*, *le Nom-du-Père*, *savoir-faire* e *l'etourdit*, enquanto estamos convivendo com Yorubá, Quimbundo, Quicongo e Tupi-guarani. Ficamos às voltas com o paradoxo do mentiroso, sendo que Chicó o explicita muito bem. Ficamos impressionados com Emma Bovary, mas temos Macabea, Ponciá, Capitu, Tieta e G. H. Nos organizamos em ritmo de samba, maracatu, carimbó. Falamos égua, tchê, visse, ó paí ó, uai. Atendemos gente borocoxô, em busca de um dengo ou um xodó, que procura sarna para se coçar, em busca de ficar odara, de sair da pindaíba, aperreada, que dão o papo reto. Nada disso é alheio à clínica, pesquisa e formação psicanalítica e nos coloca diretamente em uma contextualização acerca da psicanálise que praticamos cotidianamente.

Esse universo é entendido por Spivak[29] como confronto a um problema colonial que coloca o ocidente como único sujeito/tema – fazendo um jogo com o duplo sentido da palavra, tal como o faz Lacan –, que compreende uma soberania que produz uma violência epistêmica, que reforça o que foi dito em parágrafos anteriores sobre as noções de epistemicídio, apagamento e dependência epistêmica, além de corroborar com uma falsa ideia de que a única episteme possível, a única forma de razão, é aquela que se produz nos termos de uma identidade europeia. As teses da autora se sustentam na localização de uma ideia de um sujeito subalterno colonizado, que é irrecuperavelmente

[25] Lacan, J. (1964a). Op. cit.
[26] Hooks, B. (2013). *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes.
[27] Hooks, B. (2013). Op. cit. p. 27.
[28] Barreto, Lima. (2022). *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Jandira, SP: Principis. p. 74.
[29] Spivak, G. C. (1998) ¿Puede hablar el sujeto subalterno? Orbis Tertius, 3 (6), 175-235. En: *Memoria Académica*. Disponible en: http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2732/pr.2732.pdf

heterogêneo, que surge no contexto de uma produção colonial, furtado de sua história e não podendo falar, ao mesmo tempo que, quando ocupa um lugar de enunciação, não é escutado ou lido. Posição semelhante é trabalhada pelos ideários pan-africanistas que localizam a razão presente no continente africano e na diáspora africana, sem recorrer à falsa ideia de que tudo o que é africano é "popular", "tradicional" ou "ancestral", como se daí não houvesse um conjunto de elaborações racionais.[30] [31]

A oposição necessária para fazer com que essas vozes sejam colocadas nas pautas intelectuais e formativas se refere a uma oposição que adota narrativas alternativas. Nessa mesma direção, e em concordância com Spivak, Grada Kilomba[32] sustenta que esses processos ocorrem a partir da posição pós-colonialista que demarca uma marginalidade e um silêncio que promove um regime dominante, que determina a verdadeira erudição, promovendo a ausência de espaços para os discursos marginalizados e produzindo vozes não escutadas e desqualificadas. Trata-se de uma hierarquia violenta que determina quem pode ou não falar. É o que pode ser denominado como um desprezo ordinário ou uma negação do reconhecimento.[33]

Internamente ao nosso campo, há um movimento lacaniano em confrontar tais formas de pensar o saber analítico e podemos, ousadamente, conectá-lo ao nosso universo simbólico. Não precisamos da ingenuidade de retornar às origens e muito menos sustentar a todo custo o modelo da Escola de Lacan, mas localizar a objetividade de seu funcionamento e trair aquilo que é necessário. Destaco o trabalho de Lacan em tomar o projeto freudiano pelo avesso,[34] que retira o paternalismo inquestionável de Freud e denuncia o desvio de seus herdeiros, introduzindo outras possibilidades. Na mesma medida, trata-se de reconhecer a necessidade de um movimento coletivo de considerar a psicanálise como um campo comunitário, que não se trata de pensar nos avanços formativos a partir de uma desinstitucionalização ou da rebeldia individualista de considerar-se em constante estado de exceção.

Finalizo com uma pergunta pertinente, nas palavras de Paulo Freire: "Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são "essa gente", ou são "nativos inferiores?"".[35]

Se a psicanálise não se inclui no próprio movimento crítico de pensar o seu processo formativo, seu lugar na sociedade e seus problemas disciplinares e ideológicos, pode ser que essas palavras se tornem uma parcela de muitas pás de cal.

[30] O mesmo pode ser localizado com a leitura eurocêntrica acerca do continente asiático e de povos originários das Américas.
[31] Barbosa, M. (2020). *A razão africana: breve história do pensamento africano contemporâneo*. São Paulo: Todavia.
[32] Kilomba. G. (2019). *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
[33] Bentouhami-Molino, H. (2016). *Raza, cultura, identidad – un enfoque feminista y poscolonial*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros.
[34] Lacan, J. (1969/1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
[35] Freire, P. (2013). Op. Cit. p. 88.

BIBLIOGRAFIA:

1. Andrade, M. de. (2023). *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Global editora.
2. Araujo, F. (2025). História da psicanálise no Brasil: da antropofagia à construção de psicanálises brasileiras. Em: *O inconsciente colonial da psicanálise*. Porto Alegre: Editora Discurso.
3. Barbosa, M. (2020). *A razão africana: breve história do pensamento africano contemporâneo*. São Paulo: Todavia.
4. Barreto, Lima. (2022). *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Jandira, SP: Principis. p. 74.
5. Bentouhami-Molino, H. (2016). *Raza, cultura, identidad – un enfoque feminista y poscolonial*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros.
6. Foucault, M. (2014). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes.
7. Freire, P. (2013). Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
8. Hooks, B. (2013). *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes.
9. Kilomba. G. (2019). *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
10. Lacan, J, (1968). Introducción de Scilicet como título de la resvista de la Escuela Freudiana de París. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
11. Lacan, J. (1955). Variantes do tratamento-padrão. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
12. Lacan, J. (1964a). Acto de fundación. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
13. Lacan, J. (1964b). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008..
14. Lacan, J. (1967a). Discurso en la Escuela Freudiana de París. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
15. Lacan, J. (1967b). Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
16. Lacan, J. (1967c). *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
17. Lacan, J. (1969/1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
18. Lacan, J. (1970). Alocución sobre la enseñanza. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
19. Lacan, J. (1973). Nota Italiana. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
20. Lacan, J. (1975). Quizás en Vincennes. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
21. Lacan, J. (1980). Carta de disolución. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
22. Márquez, G. G. (2023). *Crónica de una muerte anunciada*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Sudamericana.
23. Spivak, G. C. (1998) ¿Puede hablar el sujeto subalterno? Orbis Tertius, 3 (6), 175-235. En: *Memoria Académica*. Disponible en: http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2732/pr.2732.pdf
24. Tupinambá, G. (2025). *El deseo del psicoanálisis*. Santiago de Chile: Alma Negra Editorial.

FAUZY ARAUJO

Psicanalista. Pesquisador. Psicólogo. Mestre em Psicanálise (UBA). Sócio da APOLa. Editor da revista de psicanálise “O rei está nu”. Coorganizador e coautor de “O inconsciente colonial da psicanálise” (Discurso, 2025). Atua no âmbito clínico com atendimento, supervisão e pesquisas sobre teoria e clínica lacaniana.

E-mail: fauzyaraujo@hotmail.com